



UNILAB

**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

JAIR JOÃO TCHUDA

**MASCULINIDADES NEGRAS EM TRÂNSITO:
SER HOMEM NO GRUPO ÉTNICO BRASA-BALANTA DA GUINÉ-BISSAU**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2019

JAIR JOÃO TCHUDA

**MASCULINIDADES NEGRAS EM TRÂNSITO:
SER HOMEM NO GRUPO ÉTNICO BRASA-BALANTA DA GUINÉ-BISSAU**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Bacharelado em humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira como parte dos requisitos necessários para aquisição do título de Bacharel.

Orientadora: Profa. Dra. Rutte Tavares Cardoso Andrade.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2019

JAIR JOÃO TCHUDA

**MASCULINIDADES NEGRAS EM TRÂNSITO:
SER HOMEM NO GRUPO ÉTNICO BRASA-BALANTA DA GUINÉ-BISSAU**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Humanidades do Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Aprovado em 26 de agosto de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Rutte Tavares Cardoso Andrade (Orientadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – Unilab

Prof.^a Dr.^a Míghian Danae Ferreira Nunes

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – Unilab

Prof. Dr. Kwesi Ta Fari (Fábio Gomes)

Universidade Federal do Ceará – UFC

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
2	OBJETIVOS	7
2.1	OBJETIVO GERAL	7
2.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	7
3	JUSTIFICATIVA	7
4	PROBLEMA DE PESQUISA	10
4.1	HIPÓTESES	11
5	REFERENCIAL TEÓRICO	11
6	METODOLOGIA	19
7	CRONOGRAMA	21
	REFERÊNCIAS	22

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda a masculinidade negra em trânsito, particularmente entre Guiné-Bissau e Brasil e nessas experiências cruzadas do grupo étnico Brasa (Balanta). O trânsito a partir do continente africano até a minha chegada no Brasil, a minha vivência como um homem negro na diáspora brasileira, desde ano de 2017. No continente africano escolhi falar sobre a Guiné-Bissau, porque é o país que conheço com mais propriedade e entendo como a masculinidade está constituída na sociedade guineense no grupo étnico Balanta. No continente americano escolhi falar sobre o Brasil porque percebi que os dois países têm uma diferença na construção da masculinidade, e percebi isso através da minha experiência vivida como o homem negro na diáspora e estudante universitário da UNILAB – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira do Estado Bahia na cidade de São Francisco do Conde, BA.

A Guiné-Bissau situa-se geograficamente na costa ocidental do continente africano, com a superfície territorial de 36.125 km², o país faz fronteira com o Senegal ao Norte, e a Leste ao Sul com a República da Guiné-Conakry e no Oeste com o Oceano Atlântico. Segundo Augel (2007, p. 49), “sua população é atualmente estimada em cerca de um milhão e quinhentos mil habitantes”. Faz parte dos países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP). Foi a primeira ex-colônia portuguesa no continente africano a separar-se da colonização, em 24 de setembro de 1973, a Guiné-Bissau declarava a independência de Portugal. Tal país só reconheceu a Guiné-Bissau como um país independente em 24 de setembro de ano 1974. E atualmente um dos oito países a adotarem a Língua Portuguesa como a língua oficial.

No decorrer do trabalho trataremos os aspectos relacionados a masculinidade negra, na Guiné-Bissau dentro da etnia Brasa (Balanta) e a minha vivência no Brasil, mas a análise dessa pesquisa irá focar na representação social dos brasileiros sobre a masculinidade negra. Será analisada, a forma, a maneira como o homem negro é visto e caracterizado na sociedade brasileira. O homem guineense é considerado na sociedade da forma que aparenta ser na comunidade assim, o papel de um homem negro guineense define através da sua função.

O Brasil o homem negro é considerado de muitas maneiras, desde estereótipos marginalizados com o homem negro brasileiro entendo que basta o sujeito nascer, logo é definido através de estereótipos marginalizados e também o homem negro é definido através das visões que não são boas na comunidade, através da minha vivência como estudante estrangeiro percebi que o homem negro é definido pelo fato de ser negro, não do seu bom ou mau papel na sociedade. É de salientar que “em uma sociedade racista, o homem negro traz a

escravidão impressa em seu corpo e com ela os diversos atributos associados aos criados masculinos”. (NKOSI. 2014, p.81)

Na mesma perspectiva observaremos a formação da masculinidade na Guiné-Bissau, como ser homem na sociedade guineense e analisaremos aspectos culturais do território brasileiro e seu impacto na formação da minha personalidade como homem negro. Entendemos o racismo institucional como um dos fatores centrais no processo de formação de masculinidade na Guiné-Bissau e no Brasil.

Masculinidades negras como é que existe uma construção da formação do homem entre essas duas sociedades, de diferentes formas onde que podemos encontrar a construção sociológico do homem tem que ser forte, combatente, resistente, a ideia da potência sexual que são construções machistas e ao mesmo tempo racistas, marcas da sociedade patriarcal.

O presente projeto de pesquisa tem como o título *Masculinidades em trânsito: sendo homem no grupo étnico Brasa-Balanta da Guiné-Bissau no Brasil*. O interesse pelo qual preferimos trabalhar com este tema é o fato de que sou um homem guineense da etnia Brasa – Balanta na diáspora brasileira, que mudei de país desde ano de 2017 e deparei com outra realidade que tem um outro olhar de ver o homem diferente com o olhar de ver homem na Guiné-Bissau. Com o projeto, visa-se contribuir para a compreensão do processo de formação de masculinidade na etnia Balanta e as práticas e rituais relevantes nesse processo.

Por outro lado, o desenvolvimento do projeto também poderá contribuir para a expansão do conhecimento sobre a cultura do meu povo Balanta, creio se uma obrigação da minha parte, além de contribuir para a sociedade guineense, de modo geral. O projeto resultará, também, em uma pesquisa de extrema importância para academia, pois servirá como aporte teórico para estudantes guineenses, entre outros e, principalmente aqueles pertencentes ao grupo étnico referido, somando, assim, às outras referências bibliográficas, contribuindo para o desenvolvimento de pesquisas futuras relacionadas à temática. Por outro, tentar explicar a importância da cultura Balanta na formação da masculinidade do povo Balanta, demonstrando que as mesmas são fundamentais na promoção da ordem e o equilíbrio social da país. Na verdade, é importante enfatizar que o processo de socialização e formação da masculinidade do povo Balanta e sua relevância e protagonismo estabilidade da sociedade guineense, e principalmente na promoção da Identidade cultural africana, rica complexa e milenar, promovendo a integridade cultural do próprio grupo, face ao sistema neocolonial instaurado em nosso país.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Compreender o processo de formação da masculinidade na Guiné-Bissau no grupo étnico Balanta no período de 2005 a 2018.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Definir o conceito de masculinidade na etnia Brasa (Balanta), considerando a matriz civilizatória africana;
- Descrever os elementos culturais do grupo étnico Balanta e sua representação sobre masculinidade;
- Caracterizar os rituais de iniciação masculina no grupo étnico Balanta;
- Descrever o impacto da colonização e escravidão na formação da masculinidade, considerando a matriz civilizatória europeias e a cultural patriarcal.

3 JUSTIFICATIVA

O interesse pelo tema deste trabalho surgiu a partir dos debates, das discussões e leitura dos textos de algumas disciplinas que falam sobre o lugar do homem negro, sobretudo das masculinidades negras entre dois territórios distintos - o continente e a diáspora. Como sou um homem negro que saiu da outra sociedade pelo outro e deparei muita diferença na construção da masculinidade, percebi que ser homem negro na Guiné-Bissau é totalmente diferente que ser homem negro no Brasil. Percebi que a sociedade brasileira impõe uma construção marginal no homem negro desde a nascença, através da marginalizar o corpo negro faz com que o homem negro sofre racismo institucional, preconceitos, violência psicológico, físico, nos espaços públicos como nos ambientes escolares e abordagens policia, nas ruas no shopping.

Enquanto jovem negro na diáspora, sinto a disposição de compreender a construção da masculinidade negra em trânsito pelo atlântico. No meu entender na Guiné-Bissau a construção da masculinidade na etnia Balanta é construída através da sua função e seus atos, suas funções, como você aparenta ser na comunidade. A masculinidade negra é construída de estereótipos

marginalizados, imagens concebidas a partir de um ideal do homem ocidental, concebido no pensamento ocidental patriarcal e racista.

A masculinidade na Guiné-Bissau segundo a etnia Balanta contempla duas dimensões. De acordo com Rith:

A Tabanca e a Morança (recorrendo à designação em crioulo). Uma Tabanca é o conjunto de Moranças de diferentes Grandes Famílias, instaladas numa determinada povoação, que tem, sempre, um nome próprio. Por exemplo: Tchugue (uma Povoação ou Tabanca localizada na Região de Mansoa). Uma Tabanca Balanta é constituída por um conjunto de várias famílias singulares cujo elo de ligação consiste em terem uma ascendência comum. Morança uma Morança é o conjunto de casas da mesma Família Grande, que tem em comum o único Avô Paterno, donde a importância deste tipo de organização social. Duas ou mais Moranças podem agrupar-se num subgrupo familiar, em função das afinidades, que possam existir, em relações as certas práticas sociais (por exemplo, fanado, cerimonia de circuncisão). Chama-se a isso KUFADÉ. (RITH. 2013)

No caso da minha família é uma morança, casa grande família grande, onde temos em comum o único avô paterno, desde criança os meninos da nossa morança já fazem o uso da masculinidade como no meu caso passei por isso e até hoje, estou no lugar de provedor dentro da nossa morança. Na etnia Balanta o lugar do homem é o lugar do provedor, na nossa morança nós vivemos e até hoje vivem reproduzindo assimilando patriarcalismo, porque a etnia Balanta tem uma organização patriarcal.

Ser homem na Guiné-Bissau você se apanha porrada na escola nas vivências na rua faz parte de construção de ser homem, o significado de ser homem dentro da etnia Balanta começa com fanado, cerimonia de circuncisão, casamento tradicional e ritual fúnebre. De acordo com Makann (2008):

O Fanado, rito de iniciação a vida adulta, é uma prática realizada nos rapazes (ablação do anel prepucial em algumas etnias também o nas meninas (extirpação do clitóris). Embora realizado em todas a etnias da Guiné-Bissau, este ritual costuma variar entre elas (a idade dos participantes, a cada quanto tempo é realizado, o tempo de duração, entre outros). No fanado, o indivíduo toma consciência, de sua personalidade e de sua posição na sociedade, sua integração se dará por meio do rito. É que confere ao indivíduo o “status” de adulto. A maioridade não é uma situação que se alcance pela idade em casa, no ambiente familiar, integrado no grupo sujeito à mesma cerimônia. A iniciação é um processo de integração sócio cultural e religiosa necessária para a vivência nas comunidades. É um ritual complexo: geralmente, os ou as iniciantes são isolados na floresta ou em cabanas à margem da aldeia, onde ninguém podem entrar, e aí são preparados para a vida adulta, recebendo ensinamentos sobre as tradições locais e ao sair não se pode falar absolutamente nada do que se passa lá dentro. (MAKANN. 2008)

O fanado é um ritual de iniciação preponderante no processo de socialização e formação da masculinidade na etnia (Brasa) Balanta. Deste processo de iniciação fanado o homem carrega

o “status” da valorização na comunidade, ou seja, na sociedade guineense. Você passa a ser respeitado por toda comunidade porque na sociedade guineense, assim como na comunidade dos Balanta a pessoa é valorizada de acordo com a maneira que você aparenta ser na sociedade, como o homem Balanta carrega esse “status” de grande homem através do fanado, a pessoa passa a ser respeitado na comunidade.

O casamento tradicional através da supremacia do patriarcado é realizado sempre pelo tio da mulher e o pai do homem. No casamento como o homem é obrigado a pagar a realização do casamento, deste modo, no casamento o homem faz pagamentos de acordo com a condição dada pela a mulher ou até familiares da mulher, o homem paga um dote incluindo animais, tecidos, vinhos, cachaça e etc.

Segundo Siga (2015, p. 46) através da construção do sistema social da etnia, o homem Balanta tem um privilégio de “casar-se com muitas mulheres (poligamia)”. Nesse contexto está mostrado a força, ou seja, o privilégio que o homem tem dentro da etnia Balanta. O casamento tradicional da etnia Balanta contem partes na sua realização que, segundo o Suma (2018), são: a primeira é a aliança entre duas partes (família da mulher e do homem) e a segunda são os rituais neles contido: corte dos cabelos, vestimenta, cobrimento do rosto e o sacrifício de animais.

O outro ritual é o ritual fúnebre, pois, o homem tem a obrigação de realizar se alguém faleceu na etnia Balanta. O ritual é organizado na casa onde a pessoa faleceu, começa com a toque do Bombolom¹. Os homens é que tomam conta de organização desse ritual, os homens é que cavam o buraco ao lado da casa e muitas vezes cavam o buraco na varanda para fazer enterro da pessoa que morreu.

Como neto na nossa morança, no ano de 2005, com meus sete anos de idade participei no ritual fúnebre da minha avó com os meus irmãos e meus primos, a família toda participou no ritual em que fizemos cerimônias, que são obrigatórias fazer na etnia Balanta. E uma das cerimônias mais importante, que fizemos no momento de funeral foi pular por cima do cadáver, na aquele dia todas as crianças que estavam presente no ritual pularam por cima do cadáver da minha avó, eu fui o segundo a pular o cadáver, o primeiro foi o meu primo, o neto mais velho e dos netos sou o segundo neto mais velho da nossa avó na morança.

Na mesma linha de valorização e consideração do homem na etnia Balanta, aquele dia como éramos três netos na morança no ritual nos mostraram todo o valor que nós temos dentro da nossa família e na comunidade. De acordo com a consideração e a importância que a mesma

¹ Bombolom é tambor que os homens tocam quando a pessoa morre na comunidade.

a sociedade guineense dá por homem, ou seja, a comunidade Balanta, no mesmo recebemos tecidos, de oferta que foram ofertados pelas nossas famílias até recebemos ofertas dos conhecidos que faram participar no ritual, usamos alguns no funeral e como recebemos muitos tecidos ficamos com alguns para o uso pessoal.

A ideia do trabalho, todos os homens tem a obrigação para ir trabalho na sociedade guineense, por exemplo na nossa morança da etnia Balanta, como homem fui ensinado essa ideia de que tenho que trabalhar para poder organizar a minha vida porque sou homem, o homem trabalha mesmo para poder realizar os rituais como o casamento tradicional que o homem é obrigado pagar dotes para a realização, como homem se não consegue pagar os dotes para a realização do casamento tradicional, você passa por problemas, ameaças dentro da família da mulher é por isso que todos os homens da etnia Balanta nasce com essa ideia de trabalhar pra poder realizar o casamento tradicional e ajudar a mulher.

Como não fiz esse ritual, mas vivenciei e percebi que se o homem realizar o casamento tradicional de acordo com os dotes que foram pedidos pela a mulher e a família da mulher o homem ganha respeito na comunidade e passa a ser mais respeitado pelo tudo o que fez na realização do casamento.

E sobre a questão da masculinidade, ser homem na Guiné-Bissau você se apanha porradas no seu bairro, na escola e lugares público faz parte da construção de homem na Guiné-Bissau ser castigado é uma educação na sociedade guineense, muitas vezes apanhei porradas na nossa morança, na rua e na escola. O castigo parte do processo de socialização e crescimento moral do indivíduo. Como no processo da iniciação da etnia balanta, os circuncidados passam castigos, dificuldades dentro do mato e além dos castigos e dificuldades os circuncidados ao mesmo tempo recebem uma educação dos mais velhos como se comportar na sociedade, e na iniciação recebem a preparação como estar com a mulher no casamento e recebem muitas informações.

4 PROBLEMA DE PESQUISA

Diante do exposto é que se formula à seguinte questão: que significa ser homem no grupo étnico Balanta da Guiné-Bissau? Como é que os homens negros são homens apesar do racismo?

4.1 HIPÓTESES

No grupo étnico balanta ser homem tem significado muito importante, considerando os conhecimentos e ensinamentos durante a formação das faixas etárias que está composta dentro da etnia balanta e o cumprimento da última etapa da formação masculina onde acontece o grande ritual da iniciação, é que o homem vai ter significado no grupo étnico balanta se conseguiu chegar a última etapa da formação masculina, desta forma ser homem balanta significa cumprir o ritual da iniciação. Os homens negros apesar do racismo, são homens de acordo com as suas formações masculina seus modos de viver de entender o mundo nesse caso os homens negros seguem suas caminhadas através da matriz civilizatória e sistema cultural, como característica central da formação da identidade cultural.

5 REFERENCIAL TEÓRICO

Segundo Giesing (1993), os Balanta é grupo o majoritário na Guiné-Bissau, representando 24% da população. De acordo com a autora, existem muitas lendas sobre a origem desse povo, uma delas é que eles são de origem sudanesa e que aprenderam as técnicas da rizicultura ao chegarem as margens do “Rios do sul” com as populações anteriores que lá viviam. De acordo com a sua própria tradição oral e dos Mandingas, os Balanta seriam os Soninkés vindos de Manden no séc. XIII, com o lendário Sundiata Keita, ou seja, no momento do seu retiro em Cabu, uma parte dos guerreiros que estavam cansados das guerras sangrentas dirigidos pelo seu chefe optaram por ficar em Cabu, e desse, grupo que advém uma da ramificação dos Mané, foi denominado Balanto.

Outra lenda descreve que os Balanta são antigos cativos dos Fulas de Fouta Djallon, que vieram para Guiné-Bissau para se entregarem à agricultura e à colheita de produtos florestais e ao encontrar um país agradável, não voltaram mais para Fouta. A própria origem da palavra é controversa. Etimologicamente, segundo os Mandingas ou Malinkés, o termo Balanto significa “aquele que se recusa; um renegado”: balan significa “recusa”, balantakunda “entre aqueles que recusaram”. Os Balanta são um grupo localizado a Norte e Sul da Guiné-Bissau nas regiões de (Quinara, Oio e Tombali).

Quanto à composição do grupo étnico Balanta (Brasa), ele possui dois grandes subgrupos: os Balantas de Kuntowe e os Balantas de Nhacra (os Balantas de fora) e têm a outra

denominação Buwungué, que é um nome dado pela a própria etnia na Língua balanta. Segundo Rith (2013):

Por referência ao Rio Mansoa (que percorre a Guiné-Bissau do Centro para Oeste), os Balantas de Kuntowe localizam-se à margem direita do Rio (no sentido da Nascente para a Foz, ou seja, do interior para o mar). Os balantas de Kuntowe subdividem-se em duas Sub-Etnias: os Nagas (Balanta Nagá) e os Mansoncas. Genericamente, os Balantas de Kuntowe são mais sedentários (emigram menos, dentro do País). À margem esquerdas do Rio Mansoa (no sentido da nascente para a foz) localizam-se os Balantas de Nhacra (ou Nhacra). Também se chamam Buwungué (significa Aves). Os Balantas de Nhacra (Buwungué) são migratórios. Talvez venha daí o nome pelo qual são designados na Língua e na Cultura Balanta: Buwungué (Aves migratórias). O seu destino migratório tanto é para o Oeste como para o Norte e Sul do País. Na direção Oeste, deslocam-se para regiões como Biombo e Quinhamel, onde formam as suas colónias em Território da Etnia Papel (em Balanta, Bezá-o, donde a origem da denominação em Língua Balanta). Essas pequenas colónias designam-se por “Flack” (retiro), tal como “Flack Ne Bupe”, na Região de Quinhamel até Cumurá nos arredores de Bissau. Outro destino da emigração Buwungué é, tradicionalmente para o Sul da Guiné, atravessando o Rio Geba, de canoa. No novo local de fixação, a Família que aí se constitui, mantém, obrigatoriamente, a designação da família de Origem, isto é, da Povoação de que o imigrante é originário, como se fosse seu prolongamento, embora localizada em Território diferente (RITH. 2013).

A resistência da cultura africana e do continente por parte das transformações externas que vem dos outros espaços de uma determinada comunidade que chegam e impõem seus costumes num determinado espaço que ocupam, mas indica que a África sofreu algumas transformações, mas aquelas transformações principalmente no que concerne organização social e os comportamentos dos grupos étnicos que compõem os países do continente, assim como a diáspora africana.

O homem na Guiné-Bissau através da sua masculinidade é privilegiado nas várias coisas, e esses privilégios se manifestam através da supremacia do sistema patriarcado, que coloca o homem no centro de todas as funções que são desempenhadas numa sociedade. Isso mostra como algumas sociedades africanas têm uma construção que parte muito do sistema de patriarcado, fruto do processo de colonização árabe e europeia (MOORE, 2008). Mesmo com o poder masculino que torna o homem ser privilegiado na sociedade, que faz com que as mulheres não alcancem os espaços de poder para ocupar funções de desempenhar papéis sociais e funções relevantes, contrariando a história das mulheres africanas ao longo da história. Conforme o intelectual senegalês Cheikh Anta Diop (2014), nas suas palavras, “há muito tempo na África a Etiópia foi o primeiro país no mundo a ser governado por uma rainha” (DIOP, 2014, p.51). Na mesma perspectiva do poder do matriarcado, antes da nossa era, segundo Diop assegura, “Egito é um dos países onde o matriarcado foi mais manifesto e mais duradouro” (p.54).

A África Negra sofreu muitas influências das culturas e costumes dos outros povos que alcançaram o continente. Quanto à questão de ocupação e povoação dos Árabes nas regiões em África Negra, aconteceram grandes transformações, os árabes através das suas ocupações e povoações e fez com que o continente africano passasse a obter suas culturas e seus costumes. No que diz respeito sobre a ocupação e alcance da África, Segundo o historiador Diop (2014), o processo que fez a África negra sofrer transformação na linhagem familiar, “com a islamização, isto é, sob a influência de um fator externo, e não devido a um processo de evolução interna, a maior parte das populações que, na Idade Média, eram matrilineares, tornaram-se patrilineares pelo menos aparentemente” (DIOP, 2014, p. 63).

De acordo com o Diop:

A islamização da África ocidental foi iniciada com o movimento Almorávida, no século X. É possível notar-se que este introduziu uma espécie de demarcação na evolução da consciência religiosa, em primeiro lugar dos príncipes, e por consequência, mais tarde, nos povos. A religião tradicional desvaneceu gradualmente sob a influência islâmica, bem como os costumes e as tradições. Foi deste modo que o regime patrilinear se substituiu, parcial e progressivamente, ao regime matrilinear desde o século X. Assim, compreendem-se as causas externas que originaram esta mudança. (DIOP. 2014, p. 64)

Percebe-se também que uma das grandes influências nesse processo é de facto a aceitação da África Negra em receber as culturas e costumes externas, as culturas dos árabes na época. Deste modo, importa deixar presente que o sistema cultural africano é o sistema matrilinear com colonização, mudou completamente através da prática islâmica.

Na etnia Balanta existem muitos valores culturais, rituais e costumes que caracterizam a própria etnia, nas quais podemos destacar: *Fó* (circuncisão), *Kwassé* (casamento), *Singha critch* (ritual fúnebre), *Ksunde* (festa de arroz). Para os Balanta esses são rituais mais relevantes nas suas comunidades. Cada um desses rituais tem o seu valor específico, na concepção da masculinidade. Acontecem de acordo com a construção de cada um deles e as cerimônias que existem dentro de cada um deles.

Os elementos da formação masculina do grupo étnico Balanta é constituído por sete etapas, estas etapas na formação do homem que começa a partir dos 6 anos aos 24/30. São tão importantes na formação do homem na cultura balanta. Estas etapas são as que identificam o homem na etnia balanta de acordo com a idade. Tanto nas características, definições e funções têm muita diferença entre elas. Cada uma das etapas têm as suas construções e definições do corpo masculino. “As etapas de idade e os rituais de iniciação que constituem o sistema de integração e de formação contínua segundo a cultura brasa”. (CAMMILLERI. 2010, p. 40)

Para os balantas a formação masculina é muito importante na comunidade é a partir daí que o indivíduo jovem que não sabe nada na comunidade começa a pensar a sua trajetória de ser homem dentro da comunidade sob o recebimento da formação dada pelos anciões, os mais velhos que já passaram a formação. Na fase da juventude, ou seja, a fase da formação os jovens são chamados de *Blufu*, o termo é usado para caracterizar os jovens que estão na fase da formação que não são circuncidados, é nessa fase também que são vistos como os que não sabem nada na comunidade. Segundo Cammilleri (2010):

Durante o período da sua formação, os homens jovens são chamados e considerados no seu conjunto blufu bidokn e estão divididos em diferentes grupos de idade antes de assumir as plenas responsabilidades familiares, sociais, políticas e religiosas. As etapas de idade em uso entre os Brasa não são todas idênticas, mas variam no número e por vezes no conteúdo por motivos de adaptação e experiência específica da fixação de cada comunidade e isso diz respeito sobretudo aos grupos de emigração. Entre os Brasa do território de Tite (Fonta), as faixas etárias dos blufus têm os nomes seguintes: bidokn ni ñare, nthok fos, ngwac, nkuuman, n'hae-nñess, blufu ndan. (CAMMILLERI. 2010, p. 57)

A primeira etapa da formação masculina *Bidokn ni ñare*, conforme o Cammilleri (2010), “pertencem a esta faixa etária as crianças dos 6 aos 12 anos que para indicar esta pertença andam completamente nus e levam sempre consigo um bastão curto, mas forte (*fbalak*), o único instrumento que os qualifica como pastores de manada” (p.58). É nessa fase que as crianças rapazes tomam a conta de vigiar os bois na comunidade com maior cuidado são tarefas diárias dos rapazes. Segundo o Cammilleri (2010):

Esta tarefa é muito importante e não faltam as sanções para quem for responsável por algum dano: perder uma cabeça de gado, provocar danos nas culturas, deixar roubar por negligência, não vigiar o gado de forma correta são culpas que vão ser castigadas com açoites, jejum para além da repreensão, muito temida por qualquer Brasa. Não faltam para estas crianças as ocasiões de lazer que este trabalho oferece: enquanto a manada pasta as crianças têm tempo para jogos, histórias e desafios na corrida, na luta livre e para favorecer a monta das femeas em cio, para construir pequenas ratoeiras para apanhar pássaros e ratos, por vezes lebres com ajuda de cães (*nbitna*). (CAMMILLERI. 2010, p.59)

A segunda etapa da formação masculina *Nthok fos*, segundo Cammilleri (2010), são os adolescentes de 13 a 15 anos de idade “os adolescentes *nthok fos*, vão assumindo vários familiares específicos que lhes permitem desenvolver-se física e socialmente” (p.60).

Os adolescentes *nthok fos* que significa (acender os fósforos), eles são os que cuidam da construção de casa, cuidam também dos animais domésticos na comunidade. Nesse grupo de adolescentes sempre existe um líder que controla todos os colegas, o líder é escolhido por

mesmos colegas os *nthok fos*, essa escolha da liderança é através da sua capacidade e grande influência no grupo. Então a partir daí o escolhido torna-se como chefe.

De acordo com o Cammilleri (2010):

O papel do chefe é manter a ligação entre todos os membros, conhecer as experiências de trabalho de cada um, receber os pareceres e as queixas dos anciões e na base disso, aplicar as sanções aos infractores. Normalmente aplicam-se castigos corporais a quem tenha recusado algum trabalho específico do *nthok fos* e sobretudo quando se tenha dado por doente para subtrair-se às suas obrigações. (CAMMILLERI. 2010. P. 61 a 62)

A terceira etapa da formação masculina *Ngwac*, os jovens blufus com 15 a 18 anos de idade, os jovens nessa fase são considerados os batalhadores porque apresentam as suas habilidades no momento de trabalho, essa fase é muito importante para os balantas é a fase com muito valor na formação masculina. Portanto nessa faixa etária *ngwac* demonstra muito crescimento dos jovens em termo da responsabilidade e aprendizagem, no que diz respeito ao crescimento dos *ngwac*. Segundo Cammilleri (2010):

O corpo desenvolve-se, as capacidades dos jovens definem-se cada vez mais e o sistema educativo urasa tende para o complemento físico, técnico e moral dos mesmos que aceitando as regras e as oportunidades que a tradição lhes oferece, sentem-se à vontade e participam com entusiasmo na vida coletiva segundo as divisões das tarefas de cada um. Os jovens *ngwac* são muito habilidosos nos diversos trabalhos do campo: na lavoura, na ceifa e na debulha, operações que exigem todas elas o emprego da força física e da destreza. É graças a essa força física e destreza que aos *ngwac* é confiada a responsabilidade da navegação fluvial por meio da canoa *psae*. (CAMMILLERI. 2010, p. 62)

Portanto, através de toda essa força física que os *ngwac* têm de fazer trabalhos na comunidade, mostra valor a importância da masculinidade na etnia balanta porque esses jovens são ensinados tarefas interessantes e importantes que a cultura balanta tem na sua construção e seus costumes. Os *ngwac* que tomam a conta da caça, criação de gado e da pesca na comunidade. De acordo com o Cammilleri (2010):

Estes jovens exprimem orgulho não só pela a força física que aumenta neles, mas também pelas habilidades que vão adquirindo e que eles permitem tornar-se autónomos na execução das suas tarefas. Os *ngwac*, como todos os grupos, escolhem um chefe de grupo que funciona mais como um coordenador. Neste grupo as sanções, embora mais severas, tornam-se mais raras porque os *ngwac* são mais tranquilos que os das classes inferiores. (CAMMILLERI. 2010, p. 64)

No que tange à formação masculina na etnia balanta, entendemos que todas essas fases anteriores tratam de castigos. É que na comunidade do grupo étnico balanta, o castigo faz parte

da formação do indivíduo, assim como na sociedade guineense em geral. No momento de castigo ocorre muitas coisas relacionado a modo de vida e percebemos também que esses sujeitos que são castigados através dos comportamentos não aceitável na comunidade no momento da repreensão recebem ensinamentos de como comportar-se perante a comunidade, ou seja, sociedade.

A quarta etapa da formação masculina *Nkuuman*, que começa entre 18 aos 21 anos de idade. Segundo Cammilleri (2010, p.64), “o emblema do grupo é a tartaruga (*nkubur*), animal-símbolo da resistência física e da sabedoria”. Nessa fase é que os *nkuuman* aplicam a força no trabalho como lavoura e entre outros tipos de trabalhos que exigem força física. De salientar que nessa faixa etária que os mesmos encontram tarefas difíceis, isto é, tarefas que exigem muita força física. De acordo com Cammilleri (2010):

Os *nkuuman* têm algumas atividades específicas devido ao elevado grau de força física por eles alcançado, podendo cortar com o machado as grandes árvores (*cesna bta*), e dirigir a sua queda de maneira a não prejudicar pessoas e bens. Representam a principal força da lavoura nos terrenos dos arrozais; para isso lançam desafios e organizam verdadeiras competições de velocidade no trabalho entre todos os lavradores ou entre os grupos onde cada um faz valer a sua força e habilidade. (CAMMILLERI. 2010, p.65)

A quinta etapa da formação masculina *N'hae – Nñess*, que entra os jovens de 21 anos de idade. Os *n'hae* vivem juntos na comunidade e fazem muitas coisas juntos no que diz respeito a cultura e costumes da etnia brasa. Fazem caminhadas juntos e trabalham em grupo, como são fortes fisicamente, eles exibem das suas forças físicas nos trabalhos pesados da comunidade porque são os jovens com muita força física, através da suas aparências na comunidade os seus comportamentos perante o público eles têm um bocado de respeito na sociedade guineense porque quando saem em conjunto comportam de uma maneira extravagante. De acordo com Cammilleri (2010):

Os *n'hae* distinguem-se de todos os outros grupos pela forma como se apresentam e se comportam em público: costumam cobrir o corpo com argila ou com farinha de mandioca, levam ao pescoço, nos braços e nos pés, grossos anéis de cordas de fibras vegetais (*ioc*), a tiracolo um saco (*boto*) tecido com folhas de palmeira; andam sempre em grupo e para atraírem a atenção sobre eles tocam continuamente um corno de búfalo (*ftem*). É o grupo de jovens que mais vive unido e solidário de facto: dormem juntos numa casa reservada para eles, tomam juntos as refeições no espaço atrás da casa (*kufè*), vivem sempre à margem da família e da comunidade, e quando devem tratar com outros grupos lançam frequentemente mensagens preocupantes e tristes como, por ex: “*fierre wo ki nin*” (passa-se mal este ano!) e com fama de grandes comedores, qualidade bem expressa pelo ditado: “*N'hae mom see kante rith boto*” que traduzido quer dizer: “O *N'hae* está saciado quando, para além do estômago, tenha enchido também o saco que leva a tiracolo”. Apesar de terem estes comportamentos um tanto extravagantes os *n'hae* são trabalhadores incansáveis, a eles estão reservados

os trabalhos mais pesados: a eles sobretudo compete a ceifa de arroz (*cura malu*), descascá-lo com os paus (*lat malu*), construir casas começando pela preparação dos adobes, diques dos arrozais, vedações, e limpeza do ambiente. (CAMMILLERI. 2010, p.66)

Portanto, através das suas forças físicas e desempenhos nos trabalhos pesados os *n'hae* em conjunto fazem os seus deveres na comunidade. No que diz respeito seguir ondem dos mais velhos anciões da comunidade brasa, os *n'hae* “podem ser enviados por outros grupos de idade acima deles para outras zonas para a desmatação de terrenos amanhos para todo o tipo de cultivos: hortas, campos de milho e de mandioca”. (CAMMILLERI. 2010, p. 66)

A sexta etapa da formação masculina *Blufu ndan*, segundo Cammilleri (2010, p.67), “o jovem entra nela aos 24 anos e sai aos 30 anos como candidato ao grande ritual da circuncisão que marca o fim da formação e confirma o alcance da fase adulta”. A etapa dos *blufu ndan* percebe-se que já são maduros quanto aos ensinamentos dos mais velhos da comunidade, é etapa da preparação para assumir a vida adulta porque estão no meio caminho de completar, ou seja, chegar a última etapa que os brasa consideram um indivíduo de homem grande na comunidade. Segundo Cammilleri (2010):

Estes jovens maduros, funcionam de elo de ligação e de colaboração entre os diversos grupos de formação, estimulam e coordenam os trabalhos de renovação anual da palha (*ietmi*) dos telhados antes do início das chuvas, de construção ou reparação da vedação (*kufe*) que cerca todas as casas de cada família extensa em cuja parte central encontra-se o *fiere*, local de convivência habitual dos membros da família e fora do qual existe o diferente isto é, as outras famílias e o espaço pouco conhecido da floresta (*flak*). Outras incumbências dos *blufu* são as de acompanhar de perto o chefe de família durante a construção ou a reparação dos diques (*kidide*) grandes e pequenos dos arrozais e de garantir com os *n'hae* a limpeza da aldeia e o corte do capim alto (*kdesna funkun*) para evitar os incêndios. (CAMMILLERI. 2010, p. 68)

Os *blufu* têm tarefas importantes na comunidade são os que caçam os animais, são também organizadores de *ksunde*, conhecida como festa do arroz na cultura balanta. É uma festa com grande importância na etnia balanta que tem um grande significado para os balantas onde acontece danças e grandes competições entre diferentes grupos. Essa festa é organizada no tempo da colheita ou antes da colheita. Para os balantas essa festa tem como objetivo reunir os grupos para competições e diversões. Nessa festa os competidores criam laços de amizade bem forte de amizade para que as pessoas vivem em paz sem problemas entre os grupos, familiares e outras regiões.

Portanto, no que diz respeito a participação, a valorização e responsabilidade do *blufu ndan* nos atos culturais da comunidade e mesmo com aproximação da última etapa para ser considerado como o homem na comunidade e respeito ao mesmo tempo, o *blufu ndan* ainda é

considerado como o jovem que não sabe todos os ensinamentos para se tornar o homem. Nesse caso o blufu ndan é impedido tomar a parte nas grandes atividades culturais que contém os mais velhos na comunidade. Conforme Cammilleri (2010):

Não pode comer com os adultos, não pode participar no conselho da aldeia, depende está submisso ainda ao pai em tudo, para o casamento, para mandar nos filhos, nos aspectos económico e político. Em caso de guerra ele é um simples soldado (*nkola*); enquanto não for adulto não tem acesso a nenhum diálogo com os antepassados, com os espíritos tutelares e, menos ainda, com *N'haja*, o espírito supremo. Para ser reconhecido como homem completo e responsável na primeira pessoa, o *blufu ndan* deve terminar a última etapa da sua formação que o introduzirá no mundo dos adultos. (CAMMILLERI. 2010, p.68)

A sétima e a última etapa da formação masculina *Fo – Alante ndan*, segundo o autor Cammilleri (2010, p.68), “o termo *fo* indica o conjunto dos rituais da passagem da idade juvenil à adulta”. É nessa fase que ocorre a preparação para o ritual da circuncisão e ao mesmo tempo acontece o ritual para que o jovem novo após o acontecimento, que consiga chegar ao ponto em que vai ser chamado de *Alante ndan*, homem velho, ou seja, homem grande que tem muitos conhecimentos sobre a cultura e costumes da etnia que aprendeu ensinamentos durante a participação no ritual. Conforme Carita (2004), “durante esse período comem muito aprendem danças, recebem informação sobre o casamento, sobre castigos etc.” depois desse período da saída do ritual da iniciação, os circuncidados saem com ensinamentos de grande valor para a vida futura e todas as pessoas dão respeito a eles na comunidade porque já são homens.

Segundo Cammilleri (2010, p.79), “A sociedade brasa continuou a conservar, até hoje, a sua identidade graças à sua organização social ordenada na base da divisão de grupos de idade para cada um dos dois sexos”. É que a sociedade brasa tem uma construção muito forte na sua organização social nesse caso como o destaque é o sexo masculino as suas etapas de formação nos grupos de idade contém grandes ensinamentos na cultura da etnia balanta. De salientar que “as etapas de formação desses grupos, como resulta desta análise, oferece um exemplo de capacidade de integração social de todos os membros, adaptada às possibilidades físicas morais dos indivíduos e as condições do meio”. (CAMMILLERI. 2010, p.79)

No que tange, ao impacto da colonização na formação da masculinidade na Guiné-Bissau percebe-se, que a cultura ocidental impactou o comportamento das pessoas na sociedade guineense. Ao lado da masculinidade temos posturas construída por europeus na sociedade de acordo com as classes sociais. Na sociedade guineense os homens são educados conforme os padrões. O modelo racial da Guiné-Bissau é diferente com o de Brasil as pessoas usam a palavra a pessoa de cor, são as pessoas com mais oportunidades porque têm pele mais clara. E chegando

no Brasil como africano deparei com o racismo e muitas dificuldades. De acordo com Fanon (2008), “No mundo branco, o homem de cor encontra dificuldades na elaboração de seu esquema corporal. O conhecimento do corpo é unicamente uma atividade de negação. É um conhecimento em terceira pessoa. Em termo do corpo reina uma atmosfera densa de incertezas”. (FANON. 2008, p.104)

6 METODOLOGIA

O desenvolvimento deste trabalho vai ser a partir do método qualitativo, que vai nos ajudar entender a construção da masculinidade negra. Conforme Minayo (2002) a pesquisa qualitativa baseia-se em contextos muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, segundo a autora, a pesquisa qualitativa nas ciências sociais “trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (p.21, 22).

Segundo Gil (2002), a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Nesse sentido vamos procurar através de banco de dados disponíveis na internet, livros, textos eletrônicos, artigos, jornais etc. Estes materiais irão nos ajudar na realização e no aprofundamento do nosso trabalho. Sendo que muitos dos livros e artigos científicos são analisados pelos conhecedores ou conhecedoras da área em debate antes mesmo de serem lançados no mercado.

Serão utilizadas as técnicas de entrevista semiestruturadas que, para Triviños (1987), tem como característica questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa. Os questionamentos dariam frutos a novas hipóteses surgidas a partir das respostas dos informantes. O foco principal seria colocado pelo investigador-entrevistador. Complementa o autor afirmando que a entrevista semiestruturada “[...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade [...]” além de manter a presença consciente e atuante do pesquisador no processo de coleta de informações (TRIVIÑOS, 1987, p. 152).

As entrevistas nesses territórios serão realizadas através de questionário, que nos ajudará a obter dados para a construção da monografia. De acordo com Gil (2008):

Pode-se definir a entrevista como a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, como o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação. A entrevista é, portanto, uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação. A entrevista é uma das técnicas de coleta de dados mais utilizada no âmbito das ciências sociais. Psicólogos, sociólogos, pedagogos, assistentes sociais e praticamente todos os outros profissionais que tratam de problemas humanos valem-se dessa técnica, não apenas para coleta de dados, mas também com objetivos voltados para diagnóstico e orientação (GIL, 2008, p.109).

Na técnica de coleta de dados para o trabalho final monografia, pretendemos utilizar a entrevista despadronizada ou não estruturada. Conforme Marconi e Andrade (2010):

A entrevista ou não estruturada. Consiste em uma conversação informal, que pode ser alimentada por perguntas abertas, proporcionando maior liberdade para o informante. Há três maneiras de se conduzir uma entrevista não padronizada. A entrevista focalizada – mesmo sem obedecer a uma estrutura formal, preestabelecida, o pesquisador utiliza um roteiro com os principais tópicos relativos ao assunto da pesquisa; a entrevista clínica – para esse tipo de entrevista torna-se necessário organizar perguntas específicas, que possam esclarecer a conduta, os sentimentos do entrevistado; entrevista não dirigida – o informante tem liberdade total para relatar experiências ou apresentar opiniões. O papel do pesquisador limita-se a incentivar o informante a falar sobre determinado assunto, sem, contudo, forçá-lo a responder. (MARCONI. 1990, p. 85 *apud* ANDRADE. 2010, p. 132)

A partir dessa técnica de coleta de dados pretendemos dialogar com seis homens do grupo etnia Balanta com a idade compreendida entre 40- 60 anos, em Guiné-Bissau da etnia Balanta e seis estudantes guineenses, da Unilab-Malês. O segundo passo da pesquisa será realizado o levantamento das informações coletadas, onde analisaremos com muito cuidado os dados, a partir destes dois territórios, Guiné-Bissau e Brasil, Unilab-Malês, sobre o nosso objeto de pesquisa. Por fim faremos uma análise crítica, reflexiva e analítica dos dados obtidos na pesquisa para a produção do trabalho final.

Com os homens mais velhos, serão realizadas – entrevistas semiestruturadas, afim de obter os resultados em relação à formação da masculinidade na etnia Balanta e os processos de socialização para a formação de masculinidade. A opção por fazer entrevista com estes homens, é que por meio deles, serão obtidas bases necessárias para desenvolver entrevistas com os homens de geração mais nova. A entrevista será direcionada para o contexto que eles vivenciam. Caso for possível é necessário, serão realizadas filmagens, considerando que as imagens poderão contribuir para uma melhor compreensão do objeto da pesquisa.

7 CRONOGRAMA

ATIVIDADES	2019	2020		2021		2022
	1º Sem.	2º Sem.	3º Sem.	4º Sem.	5º Sem.	6º Sem.
Revisão do projeto	x					
Levantamento bibliográfico e fichamento			x	x		
Apresentação do projeto revisado				x		
Organização da estrutura para a monografia			x	x		
Preparo do roteiro e coleta de dados				x		
Análise dos dados coletados					x	x
Elaboração e redação do trabalho final					x	x
Revisão e redação final						x
Entrega da monografia						x
Defesa da monografia						x

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico:** elaboração de trabalhos na graduação – 10. Ed. – São Paulo: Atlas, 2010.
- ASANTE, Molefi Kete. Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar. Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, p. 93-110, 2009.
- AUGEL, Moema Parente. **O desafio do escomburo:** nação, identidades e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau. Rio de Janeiro, RJ: Garamond, 2007. 422 p.
- CAMMILLERI, Salvatore. **A identidade cultural do povo balanta.** Lisboa: Colibri, 2010.
- CARITA, Alexandra. **A etnia do barrete vermelho.** Público, março de 2004. Disponível em: <https://www.publico.pt/2004/03/28/jornal/balanta-guinebissau-186188> Acesso: 20 ago. 2019
- DIOP, Cheikh Anta. A unidade cultural da África negra: esferas do patriarcado e do matriarcado na antiguidade clássica. Edições Pedagogo, 2014.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*; tradução de Renato da Silveira. – Salvador: EDUFBA, 2008. P. 194
- GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social.* 6. ed. Editora Atlas SA, 2008.
- MUNANGA, Kabengele. Negritude-usos e sentidos. Autentica, 2015.
- MAKANN, Annura. **Etnia Balanta.** Lisboa, março. 2008. Disponível em: <http://annuramakann.blogspot.com/2008/03/etnia-balanta.html> Acesso: 7 ago. 2019
- NKOSI, Deivison Faustino. **O pênis sem falo:** algumas reflexões sobre homens negros, masculinidade e racismo. *Feminismos e masculinidades.* Eva Alterman Blay (org.). São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.
- Pesquisa social: **teoria, método e criatividade**/ Suely Ferreira Deslandes, Otavio Cruz Neto.
- RATTS, Alex: Eu sou Atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. (São Paulo, Imprensa Oficial/Instituto Kuanza, 2007. 138p.
- RITH, Ttchogue. FREHU-N-FLIF N° 13: **a composição da família na cultura balanta.** Intelectuais Balantas na Diáspora. Oslo, n. 15, novembro. 2017. Disponível em: <http://ttchogue.blogspot.com/2013/06/frehu-n-flif-n-13-composicao-da-familia.html> Acesso: 4 jul. 2019
- Romeu Gomes, Maria Cecília de Souza Minayo (organizadora). – Petrópolis, RJ: Vozes, 2002
- SIGA, Fernando. **A organização social, política e religiosa dos balanta: usos, costumes e rituais.** 2015. 68 p. Monografia (Bacharel em Humanidades) - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2015

SIMÕES, Landerset. Babel negra: **Etnografia, arte e cultura dos indígenas da Guiné.** Porto: O Comercio do Porto, Porto, 1935.

SOUSA, Neusa Santos Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983. Coleção Tendências; V.4.

SUMA, Nando Paulo. **Usos e costumes do grupo etnolinguístico Brassa-Balanta: processos de atribuição dos nomes e seus significados.** 2018. 25 p. Projeto de pesquisa (Bacharel em Humanidades) – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2018.